O LUGAR DA BICHA AFEMINADA DENTRO DOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE LETRAS DA UEPG

Alifer Rafael Nascimento Leal (PIBIC/CNPq/FA/UEPG), Lucimar Araújo Braga (Orientador), e-mail: labraga2007@gmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem.

Linguística, Letras e Artes. Linguística Aplicada.

Palavras-chave: identidades não hegemônicas, heteronormatividade, currículo pós-crítico, opressões de gênero-raça-classe-sexualidade, ocupação.

Resumo

Procuro demarcar nesta pesquisa que o currículo educacional é um espaço institucional permeado por relações de poder, saber e identidade em disputa (SILVA, 2010) que (re) produz violências de gênero, raça, classe e sexualidade contribuindo para a hierarquização, a marginalização e a normalização de corpos e de identidades subordinadas à estruturas de opressão que se intersectam (CRENSHAW, 2002). Esse emaranhado organizacional de normas e regras perpassam todos os espaços da educação e do cotidiano escolar (OLIVEIRA, 2017) produzindo uma matriz heternormativa que abjeta, controla e silencia sujeitos que transgredem as fronteiras desse modelo social disciplinar e regulatório (LOURO, 2001; JUNQUEIRA, 2010). Desse modo, utilizo o currículo dos cursos de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa para analisar e refletir sobre o lugar que bichas afeminadas, negras e pobres ocupam neste espaço. A partir disso, tento refletir acerca de como se configura essa presença ou ausência, ou seja, busco entender de que modo essa ocupação simbólica e discursiva é traçada nesse projeto curricular.

Introdução

As violências heterossexistas (MISKOLCI, 2017) que sofri durante toda minha trajetória escolar, que a partir de pedagogias do armário e do insulto (JUNQUEIRA, 2010) buscavam e buscam regular e controlar minha identidade bicha, atormentaram minhas vivências me empurrando para uma narrativa atual em que procuro compreender de que modo se organizam, enquanto currículo, essas estruturas sociais de opressão que disciplinam e silenciam bichas negras e pobres no ambiente escolar (OLIVEIRA, 2017), já que na medida em que o texto curricular é colonizado, ele (re) produz os paradigmas racistas, classistas e patriarcais do processo de colonização (SILVA, 2010).

Conforme Moreira e Silva (2013) “o currículo, enquanto definição ‘oficial’ daquilo que conta como conhecimento válido e importante, expressa os interesses dos grupos e classes colocados em vantagem em relações de poder [...] o currículo é expressão das relações sociais de poder.” (MOREIRA; SILVA, 2013, p. 37). Ou seja, o currículo se configura como um dispositivo de poder (FOUCOAULT, 2014) que está constantemente hierarquizando saberes e identidades. Num processo que desumaniza existências e legitima outras (OLIVEIRA, 2017). Assim, a partir desses entendimentos, analiso nesta pesquisa os currículos de Letras (2015) da Universidade Estadual de Ponta Grossa, em que busco compreender de que forma a ocupação da bicha afeminada, negra e pobre é delineada nesse projeto

curricular, ou seja, questiono se ocorre nesse currículo um processo de invisibilização, afirmação da identidade bicha ou até ridicularização dessa subjetividade. O texto analisado é disciplinarmente classificado e estruturado de modo que destaca precisamente os objetivos de cada disciplina presente no curso de Licenciatura em Letras (2015) Português – Espanhol, Inglês e Francês como línguas estrangeiras – e as respectivas literaturas das quatro línguas. Assim, realizei leituras das ementas desse currículo, articulando minhas análises com os referenciais teóricos acerca de currículo educacional e identidades.

Material e Métodos

Os materiais utilizados para a produção dessa pesquisa foram bibliografias que discutem e teorizam acerca das questões de gênero, raça, classe e sexualidade e suas reações com currículo educacional nos processos de construção da identidade. As metodologias utilizadas se sustentaram em leituras dos referenciais bibliográficos e posterior produção de fichamentos e/ou resenhas acerca dos materiais lidos. Recorri ainda à leitura dos currículos de Letras (2015) da UEPG em que postulei análises pensando nas questões de identidade (SILVA, 2000) e como a identidade da bicha afeminada, negra e pobre é traçada nesse espaço. As orientações realizadas pela professora orientadora em espaços coletivos de grupo de estudos e reuniões particulares igualmente se fizeram relevante nesse processo. Esse trabalho foi construído numa perspectiva qualitativa que possibilita a construção de análises consistentes e articuladas para pensar um outro currículo e futuras investigações (FLICK, 2009).

Resultados e Discussão

Silva (2010, p, 15-16) entende que “o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade”, dessa forma, o currículo educacional está constantemente formando identidades e contribuindo para manter o estado das coisas (MARCONI, 2017) que perpetua a marginalização de identidades/subjetividades negras, pobres e não cis-heterossexuais, já que o cotidiano escolar é configurado pela heterossexualidade compulsória (MISKOLCI, 2017).

Assim, após a leitura, a observação e a análise das ementas dos currículos de Letras (2015) da UEPG, constatou-se que nas ementas dos três currículos de Letras Português – Inglês, Espanhol e Francês – não há nenhuma palavra que mencione as identidades de bichas afeminadas, negras e pobres e nenhuma das ementas estabelecem estudos acerca dessa identidade especificamente ou acerca da construção de identidades de sujeitos não cis-heterossexuais.

Por outro lado, algumas ementas objetivam, através da perspectiva literária, refletir acerca do processo de construção da identidade nacional no período colonial, assim como propõem pensar a construção de alteridade e da identidade docente no processo de formação. Há também proposições ementarias que buscam estudar questões de gênero e sexualidade na literatura a partir do viés das teorias feministas.

O currículo analisado levanta ainda questões relativas ao papel social da escola e como articulá-lo com a comunidade. É avistado em alguns momentos dessas ementas estudos acerca da história e da cultura afro-brasileira, afro-lusófona e afro-latino-americana, sob o viés da literatura. Esse documento majoritariamente

escolhe por palavras como afro, preferindo em apenas alguns momentos utilizar a palavra negra/negro. Segundo CUTI (2010) além da palavra negra/negro carregar e retomar uma luta histórica, afirmando positivamente identidades negras quando utilizada num ato de fala e num contexto não depreciativos, preferir pela palavra "afro" causa conforto, silencia e apaga a significação de luta e resistência que a palavra negra/negro representa.

Numa última observação, esse currículo propõe em algumas disciplinas questionar e refletir acerca dos debates étnico-raciais, multiculturais, da construção da alteridade, da identidade e subjetividades. Maioritariamente as ementas referenciam homens brancos e canonizados, mas, apesar disso, esse currículo, ainda que não questione explicitamente identidades hegemônicas e mesmo que não subverta totalmente com as fronteiras curriculares colonizadas, ele se configura enquanto um currículo crítico (SILVA, 2010; MOREIRA; SILVA, 2013) que se sustenta em propostas críticas, problematizantes e reflexivas acerca do seu projeto literário, linguístico e pedagógico.

Nesse sentido, bichas negras, pobres e afeminadas não ocupam um espaço efetivo e explícito dentro dos currículos de Letras (2015) da UEPG, essa ocupação é traçada de forma invisibilizada, pois, apesar de haver a possibilidade de se pensar e se trabalhar com questões de gênero, sexualidade, raça e classe no currículo em ação – a prática pedagógica – (JUNQUEIRA, 2010), é insuficiente quando se pensa em um currículo que desconstrua os paradigmas cis-heteronormativos, embranquecidos e elitistas.

Conclusão/ões

Esta pesquisa, relevantemente, confirma que o currículo educacional tem historicamente se sustentado em estruturas coloniais que subalternizam e delimitam as narrativas de vida de pessoas subordinadas às marginalizações e silenciamentos desses paradigmas. Reitero que o currículo (re) produz no seu texto e na sua prática desigualdades sociais de gênero, raça, classe e sexualidade, submetendo identidades e corpos de bichas negras, pobres e afeminadas a uma vida atravessada por violências racistas, classistas, sexistas e LGBTfóbicas que, em inúmeras vezes, estão interagindo entre si.

Desse modo, a construção desta pesquisa traça um caminho importante quando apontamos para outras possibilidades de se pensar e de se produzir currículo, pois o processo de análise de um projeto curricular, refletindo acerca da ocupação de identidades subalternas dentro de um campo historicamente hegemônico, significa ir à contramão dos paradigmas pré-estabelecidos e naturalizados que até então preocupavam-se apenas em falar de identidades brancas, masculinas, burguesas e cis-heterossexualizadas nos textos curriculares. Assim, esse projeto contribuiu extremamente para minha formação e para minha vivência enquanto uma bicha professora-pesquisadora, que experienciei durante toda minha trajetória de vida nos espaços educacionais que ocupei/ocupo, os processos de invisibilização, silenciamento e ridicularização, pois na medida em que abro espaço para investigações futuras e propositivas que podem acarretar a transformação curricular, questiono um espaço institucional hegemônico – o currículo educacional – em um contexto geral e – os currículos de Letras (2015) da UEPG – especificamente, denoto o apagamento de identidades de bichas negras, pobres e afeminadas nesse texto curricular e reivindico a necessidade de ocuparmos este espaço, e que essa ocupação não seja mais sustentada em discursos que ridicularizam, exotificam ou apagam nossos corpos.

Agradecimentos

Referências

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23. jul. 2019.

CUTI. **Quem tem medo da palavra negro?**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/pdf/quemtemmedodapalavranegro_cuti.pdf. Acesso em: 27 jul. 2019.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman Artmed, 2009.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GOMES DE OLIVEIRA, M. R. **O diabo em forma de gente:** (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47605/R%20-%20T%20-%20MEGG%20RAYARA%20GOMES%20DE%20OLIVEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 30 jun. 2019.

JUNQUEIRA, R. D. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. **Espaço do currículo**, v. 2, n. 2, p. 208-230, set./mar. 2010. Disponível em: http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/article/viewFile/4281/3238. Acesso em: 20 out. 2018.

LOURO, G. L. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 29 ago. 2018.

MARCONI, D. Bichas intelectuais: um manifesto pelos saberes localizados. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, v.21, n.3, p. 54-63, set./dez. 2017. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/29247. Acesso em: 25 jul. 2019.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer:** um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (orgs). **Currículo, cultura e sociedade**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. A produção social da identidade e da diferença. *In:* **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, T. T. (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. Petrópolis: Vozes, 2000. cap. 2, p. 73-102.

https://www.uepg.br/catalogo/cursos/2019.html

https://www.uepg.br/catalogo/cursos/2019/licenciatura_portingl.html

https://www.uepg.br/catalogo/cursos/2019/licenciatura_portesp.html

https://www.uepg.br/catalogo/cursos/2019/licenciatura_portfran.html